



TRAVESSIAS ED. 08 ISSN 1982-5935

revistatravessias@gmail.com

## SEGUNDA PELE – TECIDO ARTE

### SECOND SKIN - TEXTILE ART

Lavínnia Seabra<sup>1</sup>

**RESUMO** Baseado nas relações entre arte, moda e tecnologia, este artigo apresenta o têxtil como uma “Segunda Pele”. Algo que transita pela diversidade da criação artística, cujo diálogo poético perpassa pela participação do usuário com a obra, transformando espacialmente e imagetivamente a subjetividade dos sentimentos cotidianos.

**Palavras-chaves:** arte, moda, tecidos, relação

**ABSTRACT** Based on the relationship between art, fashion and technology, this article presents the textile as a "Second Skin". Something that passes the diversity of artistic creation, whose poetic dialogue permeates the participation of the user with the work, transforming in the spatial and imagery ways.

**Key-words:** art, fashion, tissue, relationship

#### Introdução

Tendo como referência, trabalhos de Henri Matisse, Ernesto Sabóia de Albuquerque Neto, Hélio Oiticica, Lígia Clark e artistas da arte computacional, finalizando com os designers de vestuário, vamos refletir, em breves palavras, como os seus trabalhos foram propiciando diferentes diálogos; utilizando os tecidos não, apenas como suporte, mas como parte do processo e objeto artístico. Isso, levando em consideração alguns conceitos de moda e arte, como por exemplo, o estético, o sensacional e o exclusivo. No primeiro instante, vamos delimitar tal abordagem, a partir de um breve resumo histórico da representação do tecido na obra de arte, através das observações de (ECO, 2004, p. 16-24), para podermos delimitar a apresentação deste tecido arte.

<sup>1</sup> Lavínnia Seabra é doutoranda em Artes pelo Programa de Pós Graduação em Artes da UnB/DF, na área de Arte e Tecnologia. Professora efetiva no Departamento de Artes da UFG/GO. Esse artigo é parte da tese de doutoramento intitulada Segunda Pele, orientada pela professora Dra. Suzete Venturelli. **Email:** [lisag2107@gmail.com](mailto:lisag2107@gmail.com)



O tecido – objeto maleável e protetor<sup>2</sup> – pode transformar e re-significar imagens que se expandem nas relações de recepção e interação através de um trabalho artístico. Há muito este material maleável protegeu, adornou e distinguiu classes sociais, grupos étnicos, religiosos, mulheres e homens. Historicamente, o tecido já compunha grandes obras artísticas como, por exemplo: na relação apresentada, no livro *A História da Beleza*, a retratação da *Vênus Nua* e *Vênus Vestida* ou *Adônis Nu* e *Adônis Vestido*. Ao longo de cada imagem, o tecido faz parte da representação cotidiana, da representação estética de uma época e da representação de um povo. Mesmo nas formas nuas, este tecido surgia em pequenos detalhes, constituindo a expressividade da obra, adornando ou simplesmente, destacando pequenos detalhes do corpo ora na escultura ora na pintura.

Para o mesmo autor, “aquilo que é belo é definido pelo modo como nós o apreendemos, analisando a consciência daquele que pronuncia um juízo de gosto” (2004, p. 275). Desta maneira, o trabalho artístico pode transfigurar diversos significados e sentimentos. O tecido representado nas obras já citadas expõe texturas, formas, cores e padrões específicos. É instigante perceber que em cada época, esse material maleável possuiu ou possui diversas representações e significações, conforme foi evoluindo a própria produção humana e suas necessidades de expressão.

Para o mesmo autor, “aquilo que é belo é definido pelo modo como nós o apreendemos, analisando a consciência daquele que pronuncia um juízo de gosto” (2004, p. 275). Desta maneira, o trabalho artístico pode transfigurar diversos significados e sentimentos. O tecido representado nas obras já citadas expõe texturas, formas, cores e padrões específicos. É instigante perceber que em cada época, esse material maleável possuiu ou possui diversas representações e significações, conforme foi evoluindo a própria produção humana e suas necessidades de expressão.

Diversos artistas possuem nos tecidos, a fonte de inspiração para a criação de trabalhos que perpassam o olhar do observador e o faz tentar entender como determinados artigos têxteis foram produzidos e moldados nos corpos que decoravam ou, simplesmente, se protegiam de agressões naturais do tempo. Segundo (PEZZOLO, 2007, p. 285) “Os tecidos podem realçar a

<sup>2</sup> Os materiais têxteis são um conjunto de matérias-primas e produtos que correspondem desde fitas até os não-tecidos. Os não tecidos são materiais cuja formação estrutural não formam fios paralelos e perpendiculares entre si. Eles são desenvolvidos de maneira a formarem placas, cujas fibras permanecem prensadas entre si. SCHIMIDT, Wanda Lúcia, (org). *Microtessauro têxtil*; glossário. 2v. – Brasília, SENAI/DN, 1999, p. 104



idéia do artista em sua obra como também identificar personagens e situar a imagem no tempo”. Desta forma, vemos em (ADORNO, 1982, p. 68) que, “a arte é refúgio do comportamento mimético. Nela, o sujeito expõe-se, em graus mutáveis da sua autonomia, ao seu outro, dele separado e, no entanto, não inteiramente separado”. Para tanto, ao visualizarmos a perfeição com que cada tecido era retratado em pinturas ou esculturas, em tempos passados, percebemos como a forma da manipulação do caimento, da cor ou da estampa podiam simular idéias sobre o corpo, sobre a alma e sobre o espaço o qual cenas ou poses eram retratadas.

De certo modo, os têxteis sempre exerceram um fascínio à parte entre criadores de diversas categorias. Nas obras Expressionistas por exemplo, as de Matisse, podemos ver a riqueza das representações dos detalhes têxteis, inseridas nas composições de texturas e cores caracterizando personagens ou cenas cotidianas. Dessa forma, caracterizam estilos, formas e peculiaridades embasadas em um conceito único.

### **O fascínio artístico pelo têxtil**

Nas obras de Henri Matisse (1869-1945) os tecidos eram os objetos principais para a criação de suas pinturas. Segundo a reportagem publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo* (2005), “durante toda a sua vida, ele colecionou cortes de pano, tapetes, roupas e acessórios trazidos de vários países. Para onde fosse, levava amostras desse material e chamava essa ‘coleção de biblioteca de trabalho’”<sup>3</sup>.

Matisse muitas vezes procurava em brechós tecidos ou estampados para usar na composição de suas telas. Numa dessas ocasiões, encontrou um pedaço de tecido de algodão e linho, com desenhos de flores e arabescos, nas cores branco e azul, medindo 125cm X 177cm. Embora Matisse se referisse ao achado como toile de Jouy tecido popular no século XVIII, estampas repetidas numa só cor [...] a toile de Jouy virou espécie de talismã para ele, aparecendo inicialmente como fundo em pinturas como *Amores-perfeitos* (1903). Em

<sup>3</sup> CHAGAS, Tonica. Tecidos, a biblioteca de trabalho de Matisse, em *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, São Paulo, 30-8-2005, p.2

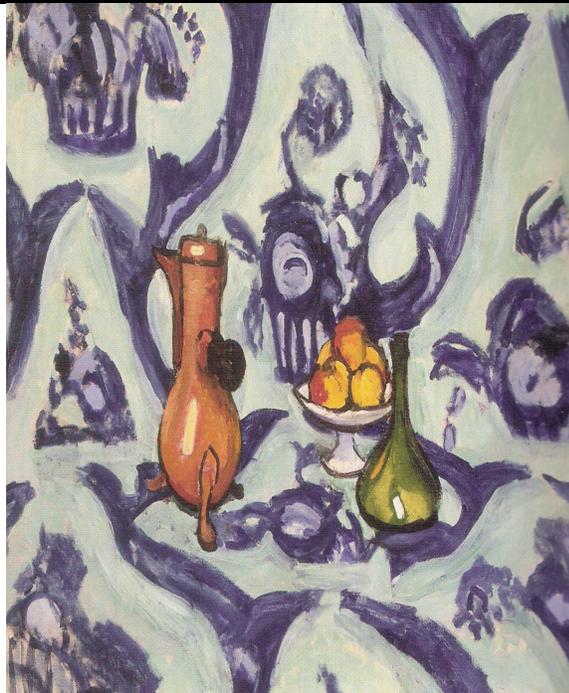


TRAVESSIAS ED. 08 ISSN 1982-5935

revistatravessias@gmail.com

1908, sua Harmonia em vermelho mostrava o mesmo tecido, mas com a cor mudada para vermelho. (PEZZOLO, 2007, p. 285)

Para Matisse suas inspirações eram baseadas em texturas e estampas particulares. Rendas, cores e arabescos faziam parte de seu repertório artístico. A obra era constituída de significados múltiplos, pois ao visualizamos a riqueza de tais artigos têxteis representados na tela de pintura, fica mais instigante entendermos a complexidade da feitura de tais artigos, os acabamentos ministrados com tão maestria, já em período de grande artesanaria. Penetrar na obra desse artista expressionista, nos faz deleitarmos sobre a diversidade colorida, romântica e estrutural dos têxteis. Em várias de suas obras, os artigos têxteis são os principais objetos retratados como parte da história daquele período. Para ele, a importância dos tecidos era devido à diversidade de toques, estampas e combinação de cores que davam o tom requintado nas mulheres, nas vestimentas, na decoração das casas e na própria sociedade. De certa maneira, a riqueza das representações pictóricas, de Matisse se estabeleceram a partir desta dinâmica na utilização dos tecidos, ora como objetos reais ora como objetos subjetivos, que podiam simbolizar outras situações ou outras possibilidades para texturas ou estampas para estes mesmos materiais têxteis.



**Figura 1** Henri Matisse. *Natureza morta com toalha azul*, 1909. óleo sobre tela. 180 x 200cm Museu Hermitage, São Petersburgo, Rússia. Fonte: PEZZOLO, Dinah Bueno. *Tecidos: história, tramas, tipos e usos*. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

Em Ernesto Neto, o trabalho de arte se expande para a tridimensionalidade. Sua representação se configura em instalações cujos principais materiais se resumem em tecidos e ferro. Sua intenção é proporcionar a reflexão sobre a leveza e o peso. O cotidiano e o subjetivo. Uma complexidade de conceitos faz parte do trabalho desse artista que traduz através de artigos têxteis delicados, a relação do material e do imaterial. Somos parte de suas abordagens. Na segunda metade dos anos 1990, ele realiza esculturas com tubos de malha fina e translúcida, preenchidos com especiarias de diversas cores e aromas, como açafraão ou cravo da Índia em pó. Trabalho tão peculiar que nos convida a sentir, tocar e relacionar com tais cheiros, texturas e formas desenvolvidas com um trabalho de degustação visual, olfativa e, quase comestível. Já no final de 1990, Ernesto elabora as “naves”, estruturas de tecido transparente e flexível, que podem ser penetradas pelo público. Nesse trabalho, mais uma vez, o tecido é parte central da discussão do artista, cujo foco está no desenvolvimento da relação entre os atores de uma exposição e suas reações através da participação na obra. Esse artista tem realizado trabalhos cada vez mais



pensados para os tecidos, como por exemplo, em *Humanóides* (2001), nos quais o espectador “veste” a escultura, o que proporciona sensações de conforto e prazer. Em outros trabalhos, a luz e o tecido são basicamente a matéria-prima para a execução de instalações, em que o participante caminha pelo tecido e pela luz, criando seu próprio mundo e espaço. O tecido elástico, macio e transparente permite criar novas formas de se perceber e ver o mundo ao redor; algo que aguça todos os sentidos humanos.

No trabalho de Hélio Oiticica, os tecidos também ampliam as possibilidades na criação artística, tornando-se objetos tridimensionais através da performance intitulada *Parangolé* (1964). Nesse trabalho os artigos têxteis são movimentados, formando silhuetas diferenciadas através da participação do antes, observador. Agora esta pessoa faz parte do processo de criação. Como afirma (ARANTES, 2005) o participante é convidado a apreender a totalidade da obra. A pessoa mesma se movimenta, apresentando o seu corpo e a sua ocupação no espaço. “O Parangolé redefine a posição estética de Oiticica, em primeiro lugar pela abertura de um novo campo experimental com as imagens”. (FAVARETTO, 1992, p. 114). O Daí percebermos que através da participação, em Parangolé, novas possibilidades imagéticas surgiam, construindo diversidades de sensações, composição de cores, linhas e formas.

Na obra de Lygia Clark *O eu e ou tu* da série *Roupa – corpo – roupa*, de 1967, ela se apropria do objeto vestível e seu tecido para ampliar a relação de espaço e corpo através da interação usuário e objeto vestível. “Muitas vezes o artista deixa falar os próprios materiais, as tintas que respingam sobre a tela, o tecido ou o metal que falam com a instantaneidade de uma laceração casual” (ECO, 2007, p. 405). Nesta linha de pensamento, podemos entender que a criação em arte tem ampliado, cada vez mais, a utilização dos materiais como forma de expressão visual e tem instigado a participação e a experimentação de outras sensações.

Como em Matisse, que se apropriava das estampas e das cores para suas criações artísticas, Ernesto bebe das estruturas físicas têxteis para construir o seu diálogo com o público. Hélio Oiticica construía, através do tecido e suas cores, a performance, com corpos dos participantes e suas diversidades rítmicas. E Lygia Clark suas roupas apresentava estilo espacial proporcionando novos meios de interação e ações entre os corpos e suas peculiaridades estruturais. Dessa forma, podemos entender que, tanto na arte quanto na moda, ao visualizarmos



o tecido utilizado para um objeto artístico ou para uma roupa expandimos nossas sensações e decodificamos algo muito peculiar que está no cotidiano ou mimetizado na realidade comum.

### **Têxtil como objeto moda**

A moda envolve o têxtil como sendo parte primordial na produção de objetos vestíveis e de adorno. Dentro desse aspecto, há muito a sociedade tem visto nascer novos materiais e acabamentos diversos, como a estampana, componente imagético dos tecidos. Esses elementos se desenvolveram tecnicamente, devido às invenções relacionadas aos modos e métodos de processamentos artesanais e posteriormente industriais. Primeiramente, surgiram os teares para a fabricação de novos materiais: as rocas, as rodas de fiar, modificadas em função das inovações técnicas de estampana e muitos outros equipamentos tornaram-se primordiais na produção de tais objetos têxteis que, até hoje, apresentam a forma e a função como elementos constituintes e inseparáveis do corpo e da roupa. Com o advento da indústria têxtil, se estabelece o mercado da moda, com isso, profissionais de diversos campos do saber envolvem-se colaborativamente, buscando por meio da criação e do imaginário elaborar a produção artística com os materiais, que envolvem principalmente o corpo e sua pele.

A técnica de estampana, junto com os aperfeiçoamentos técnicos do têxtil, vai utilizar todos os recursos tecnológicos disponíveis em cada época, como por exemplo, a calcogravura e/ou a xilogravura que serviram de técnica para a criação de inúmeras estamparias. Atualmente, a estampana recorre aos meios computacionais, por serem mais rápidos, substituindo o trabalho artesanal caracterizado pela técnica da gravura. Pode-se dizer que toda a estruturação no sistema da moda e na indústria têxtil foi e está sendo demarcada pela intensa busca por inovação.

Na década de 60 do século passado, com o surgimento das fibras sintéticas, apareceram os materiais plastificados e metalizados, iniciando novas possibilidades estéticas em decorrência da invenção de novos materiais. Contudo, as características técnicas destas fibras como, por exemplo, baixa capacidade de absorção ou pouco conforto, provocaram a busca por novas matérias-primas e tecnologias, como a utilização de outros materiais oriundos de pesquisas



tecnocientíficas<sup>4</sup> como a nanotecnologia<sup>5</sup>. No contexto da arte atual, a nanotecnologia abre discussões, como por exemplo, a possibilidade de criação de componentes eletrônicos, assim como, o desenvolvimento de objetos espertos ou inteligentes, os quais pretendemos criar no decorrer de nossa pesquisa. Ou seja, a segunda pele pode ser um tecido inteligente.

Citando alguns exemplos sobre o trabalho com moda tecnológica estão os estilistas: Hussein Chalayan com suas coleções ora robotizadas ora interconectadas com o público via dispositivos digitais. Pia Myrvold tem na cibercultura uma inspiração para desenvolver, em seu *website* [www.cybercouture.com](http://www.cybercouture.com), mudanças no vestir. Dentro do universo da moda, é pioneira no tratar as novas relações com o espaço, a roupa, as tecnologias e a sociedade no universo cibernético. Segundo (MYRVOLD in QUIN, 2002, p. 78) “Eu também percebi que este universo é verdadeiramente interdisciplinar onde a tecnologia pode estar ligada à roupa e a roupa ligada a este universo prático”. Por fim, Chistopher J. Glaister & Michelle Shakallis, UK trabalham com a transformação de sinais do *Iphone* através da decodificação das estampas digitais na malha da roupa. Além destes, vários outros exemplos são significativos, pois estão na mão da contemporaneidade e dialogando com as novas possibilidades que a tecnologia atual tem

---

<sup>4</sup> A eficiência de práticas colaborativas relacionadas a sistemas complexos em ciberarte dissolve a velha ruptura e as já conhecidas divergências históricas entre artistas e cientistas. O ponto principal de convergência é: quando todas as disciplinas investigam as mesmas questões, todas as ciências se tornam uma única ciência. Interatividade, imersão, autonomia e conexões móveis em ciberarte demandam práticas colaborativas relacionadas à ciência da complexidade e suas propriedades emergentes. Softwares especulativos são escritos para responder a projetos artísticos, posicionando a arte nos três recentes domínios da “engineering art”, “engineering culture” e “engineering nature”. DOMINGUES, Diana; REATEGUI, Eliseo. Práticas Colaborativas Transdisciplinares em Ciberarte: da multimídia às instalações em software art. In: In: DOMINGUES, Diana (org.) *Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios*. Flávia Gisele Saretta et al., tradutores. – São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 273

<sup>5</sup> A nanotecnologia cuja medida corresponde a escalas moleculares vista apenas com microscópio eletrônico, teve seu início marcado pelas pesquisas do físico americano Richard Feynman, em 1959. O pesquisador sugeriu num futuro, não muito distante, a possibilidade de arranjar os átomos de qualquer maneira. Quando apresentou suas idéias na palestra, intitulada: “Há muito espaço lá embaixo”, os computadores eram máquinas desengonçadas, que ocupavam um grande espaço onde fossem colocadas. Até então, ninguém havia visto um átomo e Feynman já falava em manipulá-los. Abria-se o caminho para o estudo da nanotecnologia, popularizada posteriormente pelo físico Eric Drexler, na década de 80<sup>15</sup>. No contexto da arte atual, a nanotecnologia abre discussões, como por exemplo, a possibilidade de criação de componentes eletrônicos, assim como, o desenvolvimento de objetos espertos ou inteligentes, os quais pretendemos criar no decorrer de nossa pesquisa. Ou seja, a segunda pele pode ser um tecido inteligente. MARTINS, Paulo Roberto (org.) *Nanotecnologia, sociedade e meio ambiente*. In: *II Seminário Internacional de Nanotecnologia, Sociedade e Meio ambiente*. – São Paulo: Editora Xamã, 2005



oferecido para ampliar as discussões, como por exemplo, entre: espaço, tempo e corpo ou, tecnologia, ciência e arte.



**Figura 2 Hussein Chalayan - *Airborne*, outono/inverno, 2007. Tecido de organza de seda, 15.600 LEDs, cristais. 1:50 x 0,30cm** Fonte: SEYMOUR, Sabine. *Fashionable Technology: the intersection of design, fashion, science and technology*. Áustria: Springer- Verlag/Wien, 2008.

### **Segunda Pele: novos caminhos no têxtil-arte**

Nesta perspectiva vamos estabelecendo este tecido como sendo a segunda pele, um objeto que se molda ao olhar, ao corpo e às suas sensações. Esta pele não só protege, mas proporciona outros caminhos de interação entre quem cria e quem participa do trabalho artístico. O têxtil se expande e faz parte do corpo, proporcionando significações próprias. Ora como roupa ora como objeto subjetivo. Ora como objeto de arte ora como objeto funcional. O têxtil, como Segunda Pele, é colocado aqui, como sendo um objeto que proporciona novas poéticas ao corpo e ao objeto arte, desmaterializando-se em diversas sensações. Esse não mais protege, mas permite



a interação entre todos aqueles que se apropriam do mesmo para desenvolver diálogos corporais e visuais. Nesse sentido, (PINKER, 2004) afirma que, para a psico-biologia, a estética é um dos fatores de maior importância para a sobrevivência de nossa espécie.

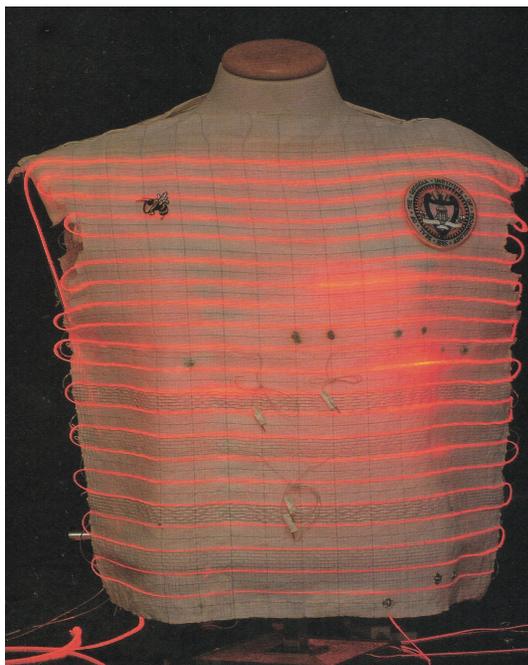
Ao delimitarmos este novo têxtil como sendo a Segunda Pele estamos propondo um objeto que interage com o interator e seu corpo durante todo o processo artístico. Cada participante explora sua própria sensação. Hoje temos presenciado materiais cada vez mais tecnológicos inseridos no processo artístico, e o têxtil tem passado por intensas mudanças no que diz respeito a estas tecnologias. Nessa vertente, vemos que a dinâmica nas criações em arte tem proporcionado estéticas tecnológicas e que transitam por diversas áreas.

Com tanta mudança e diálogos variados, esta Segunda Pele – tecido, mais tecnológico, mais elaborado pode proporcionar novas possibilidades artísticas, cujo foco está na criação de sensações, ainda não dimensionadas pelo corpo. Dessa maneira, vemos nascer uma gama de materiais que vão modificar as relações da arte e suas apresentação e representação dos e nos espaços. Na dinâmica do processo de construção artística estes têxteis que, já citados foram inspiração e objetos de construção visual, agora são objetos que geram comunicação entre os usuários e os seus corpos. A geração de novos artigos têxteis tem contribuído para uma arte cada vez mais tecnológica, algo que tem crescido dentro dos espaços acadêmicos.

Segundo a professora Dra. Araguacy Filgueiras, da Universidade Federal do Ceará, em conversa informal, afirmou que: os tecidos inteligentes são materiais caracterizados por aspectos ou componentes tecnológicos que visam ao benefício do corpo humano. Para ilustrar a fala da senhora Filgueiras, há peças do vestuário constituídas por fibras que funcionam como anti-manchas ou anti-celulite, como as peças íntimas da marca *Hope*, ou materiais com micro-sensores com detecção de imagens ou frequência cardíaca como o *Wearable Motherborad*, desenvolvida pelo *Geórgia Tech Institute*. Esses materiais de alta tecnologia a cada dia tornam-se uma realidade. Todavia, muitas outras investigações podem ser realizadas, ampliando a discussão sobre as sensações dos usuários através destes objetos maleáveis, inteligentes e eletrônicos. Já para o professor Dr. Sérgio Takeo Kofuji, da *Human Lab* - USP, os têxteis eletrônicos - e-tecidos - são a junção da tecnologia têxtil com a tecnologia da informação. Esses podem processar informações pessoais, além de integrar diversos equipamentos em um só como, por exemplo, *I-pods*, exibição



de imagens e mensagens em jaquetas ou camisetas, armazenamento de dados ou envio a uma central como um computador. Os e-tecidos por possuírem estrutura eletrônica entrelaçada junto aos fios têxteis podem ser costurados normalmente.



**Figura 3** Sundaresan Jayaraman, no Instituto de Tecnologia da Geórgia *The Geórgia Tech Wearable Motherboard*, 1996-1998. Tecido de nylon com elastano, fio de cobre. 0,70 cm x 0,30cm Fonte: *Fashionable Technology: the intersection of design, fashion, science and technology*. Áustria: Springer-Verlag/Wien, 2008.

Na contemporaneidade, a arte se expande por meio das tecnologias da informação. Segundo (SANTAELLA, 2009, p. 499) “A tecnologia é um ingrediente da cultura contemporânea”. Essas tecnologias proporcionaram e têm trazido várias possibilidades técnicas que instigam a produção em arte. Para (DOMINGUES, 2009, p. 36) “A imagem não é mais tratada em sua superfície, mas manipulada por interfaces, assumindo estados mutantes por experiências vividas pelo sujeito interfaceado com tecnologias interativas”. O processo de desenvolvimento da imagem é configurado junto ao interator que participa, também, do processo de criação em arte e tecnologia. Atualmente a arte compreende a hibridização de áreas diversas,



como engenharia, ciência, design de moda, entre outras, para a criação de objetos e, ou diferentes propostas artísticas, configurando a utilização de novos espaços de criação e objetos de expressão estética. Desta forma, o potencial deste tipo de objeto artístico tem provocado algumas mudanças na visualização do corpo.

Os estudos na área dos têxteis eletrônicos são ainda muito restritos. Isso permite que o projeto realmente contribua na discussão das novas formas de interação humano-computador (IHC). Assim, esta pesquisa ao criar a segunda pele propõe ampliar as possibilidades de desenvolvimento poético, utilizando as tecnologias têxteis junto às tecnologias da informação, expandindo a comunicação entre usuário, máquina e ciberespaço.

Objeto, sujeito e imagem se desalinham, perdem sua hierarquia. Entre cada um deles são introduzidas a linguagem de programação e as interfaces que juntam o mundo real e o mundo virtual, apagando todas as fronteiras, forçando os dois mundos a entrar em comutação. Objeto, sujeito e imagem derivam então uns em relação aos outros, se interpenetram, sjeito e hibridam. [...] O sujeito traspasado pela interface é, de agora em diante, muito mais trajeto do que sujeito. (COUCHOT, 2003, p. 275)

Segundo (AVELLAR, 2008) as tecnologias têm proporcionado mudanças significativas nos modos de vida atuais. Desta forma, se faz importante refletirmos sobre as discussões entre tecnologia, moda e arte como parte de um processo de construção do contemporâneo. A hibridização de conceitos e áreas faz parte do mecanismo de criação em arte e tecnologia. Em (KERCKHOVE apud SANTAELLA, 2009, p. 205) Os tecidos inteligentes podem ser considerados como “uma pele satelítica”, sensível e capaz de perceber toda a superfície do globo. Esse aspecto confirma a possibilidade de pensarmos o têxtil, não somente como suporte, mas como uma segunda pele que gera informação e que proporciona novas formas de arte.

## Conclusão

A discussão construída aqui é, apenas, uma parte de um trabalho maior que vem sendo desenvolvido no programa de pós-graduação em Artes da UnB. A idéia central da pesquisa busca



estabelecer o tecido como um objeto que comunica diretamente com o usuário e se estabelece através das relações tecnocientíficas por relacionar aspectos humanos e computacionais.

Para tanto, é importante a compreensão de que o tecido sempre foi objeto de relações visuais e estéticas. Dessa forma, visualizamos ao longo da história a diversidade têxtil inspirando e fazendo parte da representação artística. Esse artigo delineou alguns artistas que traduziram, através do tecido, uma atmosfera que aguçava sentidos humanos até chegarmos a uma série de trabalhos que hoje proporcionam sensações corporais e cerebrais, através de materiais tecnológicos e de alta performance com estrutura física que permite a interação humano – máquina – humano dentro de uma atmosfera artística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. **Teoria Estética**. – Portugal: Edições 70, 1982
- AVELLAR, Suzana. O Estranho tecnológico e a moda. In: ARANTES, Pricila Arantes; Santaella Lúcia (org). **Estéticas Tecnológicas: novos modos de sentir**. – São Paulo: Editora Educ, 2008.
- CHAGAS, Tonica. Tecidos, a biblioteca de trabalho de Matisse. In: **O Estado de São Paulo**, caderno 2, São Paulo, 30-08-2005, p.2
- COUCHOT, Edmond. **A tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual**. Traduzido por Sandra Rey. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- DOMINGUES, Diana (org.) **Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios**. Flávia Gisele Saretta et al., tradutores. – São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- ECO, Umberto. **História da Beleza**. Tradução Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- FAVARETTO, Celso. **A Invenção de Hélio Oiticica**. – São Paulo: EDUSP, 1992.
- PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: história, tramas, tipos e usos**. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007
- PINKER, Steven. **Tábula rasa: negação contemporânea da natureza humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- QUINN, Bradley. **Techno Fashion**. – New York: Editora Oxford, 2002.



SANTAELLA, Lúcia. A Semiose da Arte das Mídias, Ciência e Tecnologia. In: In: DOMINGUES, Diana (org.) **Arte, ciência e tecnologia**: passado, presente e desafios. Flávia Gisele Saretta et al., tradutores. – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SCHIMIDT, Wanda Lúcia. (org.) **Microtessouro Têxtil**; vocabulário estruturado. Brasília, SENAI/DN, 1999. 2v.

SEYMOUR, Sabine. **Fashionable Technology**: the intersection of design, fashion, science and technology. Áustria: Springer- Verlag/Wien, 2008.

TOPHAM, Sean; SMITH, Coutenay. **Xtreme Fashion**. – Berlim: Editora Prestel, 2005.